

**Alternando entre o trabalho e o prazer:
Considerações de uma doutoranda brasileira**

**Thais França
2010**

*O Cabo dos Trabalhos: Revista Electrónica dos Programas de Mestrado e
Doutoramento do CES/ FEUC/ FLUC. N.º 4, 2010*
<http://cabodostrabalhos/ces.uc.pt/n4/ensaios.php>

RESUMO

O presente artigo expõe as reflexões iniciais que guiam minha investigação de doutoramento intitulada: *Lindas mulatas com rendas de Portugal: a inserção das mulheres brasileiras no mercado de trabalho português*. O referido estudo aborda questões sobre processos de identificação, articulação entre classe, diferença sexual, etnia, mudanças no mercado de trabalho e segregação laboral. Nesse artigo proponho-me a contextualizar a imigração brasileira para Portugal e discutir acerca dos processos de inserção das mulheres imigrantes brasileiras no mercado de trabalho português, e, por outro lado, compreender o significado subjetivo das suas experiências vividas ao longo de tais processos, inclusive no campo da redefinição identitária. O estudo encontra-se ainda na fase de recolha de material, de forma que conclusões não serão apresentadas, mas sim pensamentos em construção e indagações que mobilizam a continuação da investigação.

Palavras-chave: mulheres brasileiras; imigração; trabalho; identidade

1. Introdução - Origem

Porque nem toda brasileira é bunda.
(Rita Lee)

A epígrafe desse artigo é menos uma provocação e mais um alerta. Trata-se de um verso da canção "Pagu", de autoria Rita Lee que faz referência a uma importante militante política do Brasil, Patrícia Galvão (1910-1962).

Pagu, como ficou conhecida, foi jornalista, escritora, ativista política e diretora teatral. Traduziu autores contemporâneos até então inéditos no Brasil como Joyce, Arrabal e Octavio Paz. Com uma trajetória política ligada inicialmente ao Partido Comunista e posteriormente a uma linha socialista trotskista, dedicou sua vida à luta contra as injustiças sociais e as diversas formas de exploração. Foi umas das primeiras mulheres a ser presa por motivos políticos no Brasil no século XX. Pagu acreditou e lutou para que as mulheres tivessem um papel mais ativo na sociedade e na política.

Contudo, apesar de figurar como uma mulher de suma importância na história do Brasil, Patrícia Galvão, assim como Tarsila Amaral, Chiquinha Gonzaga, Leila Diniz, Anita Garibaldi, Hilda Hilst e tantas outras que romperam preconceitos e tabus por meio de suas idéias e atitudes, dificilmente aparece nos discursos, nas conversas, nos

filmes ou nas músicas acerca das mulheres brasileiras.

Ao que parece, fora do Brasil as mulheres brasileiras são, quase que de imediato, associadas ao mercado do sexo, a figura da prostituta brasileira torna-se cada vez mais difundida. Embora seja certo que há prostitutas brasileiras, a maioria das brasileiras que vivem no estrangeiro não desempenha atividades relacionadas com o mercado do sexo.

Acredito que a maior parte das mulheres brasileiras desenvolve outro tipo de atividades laborais, tão precárias e exploradas quanto aquelas envolvidas na indústria sexual. Assim, minha investigação dedica-se a estudar a inserção das mulheres brasileiras no mercado de trabalho, tomando o mercado laboral português como objeto. Investigar a inserção das mulheres brasileiras no mercado de trabalho português leva-me, obrigatoriamente, a refletir acerca do meu lugar de mulher brasileira imigrante. Mulheres, trabalho, precariedade, imigração e identidade entrelaçam-se em um único fio que conduz minhas inquietações: quem são essas mulheres? Quais estratégias para inserção social utilizam? Sob quais condições integram o mercado de trabalho em Portugal? Quais os principais obstáculos que enfrentam? Investigadora e investigadas confundem-se inevitavelmente. Compartilho, pois, com Estanque (2000) a idéia de que uma dimensão autobiográfica sempre está presente no processo de construção do conhecimento.

Desta forma, indago-me acerca de como as mulheres brasileiras imigrantes (re) elaboram suas identidades sociais em Portugal com base nas suas experiências trabalhistas, levando em conta os diversos mecanismos de inclusão/exclusão, discriminação, inferiorização e subalternização que elas vivenciam e os diferentes lugares que ocupam, como imigrantes, mulheres e brasileiras. Para tanto, compreendo identidade como um conjunto de experiências múltiplas, complexas e potencialmente contraditórias, definida por variáveis que se sobrepõem tais como classe, etnia, idade, estilo de vida e preferência sexual e assumo que o trabalho é um elemento significativo no processo de interação social e construção de identidades.

Metodologicamente este artigo apresenta uma discussão teórica dos temas sugeridos: imigração, mulheres e mercado de laboral português. Proponho-me a discutir a partir da análise da situação das mulheres brasileiras imigrante em Portugal como se dá a articulação entre diferenças de sexo e etnia com a experiência laboral e como isso se relaciona com os fenômenos de segregação étnica e sexual do mercado de trabalho. Como referido anteriormente, trata-se das primeiras reflexões surgidas no percurso

do meu doutoramento, de forma que não serão apresentadas conclusões finais, mas sim algumas indagações que surgiram do contato da literatura com minhas próprias impressões.

2. Justificativa: Porque viajar

Ao optar por estudar a inserção de mulheres brasileiras em Portugal, proponho uma reflexão acerca de temas atuais e relevantes para Portugal e Brasil: as transformações do mercado de trabalho, as dinâmicas migratórias e a situação das mulheres em ambos países. Reconheço que diversos e importantes estudos sobre as conseqüências das transformações ocorridas no mercado de trabalho têm sido realizados pelas duas comunidades acadêmicas: Kovács, 2005; Estanque, 2005 e Antunes, 1999; bem como sobre a entrada das mulheres no mercado laboral: Ferreira, 2003; Nogueira, 2006 e Hirata, 2002. E à medida que os fluxos migratórios Brasil-Portugal intensificaram-se, também o fizeram as investigações sobre esse fenômeno Baganha, 2004; Padilha, 2005a; Padilha 2005b; Peixoto, 2007 e Machado, 2007. Contudo, referente ao cruzamento dos três temas, os estudos ainda são escassos.

O aumento dos fluxos migratórios, juntamente com as mudanças sócio-políticas e econômicas ocorridas nas últimas décadas (movimentos feministas, criação de blocos econômicos, desenvolvimento e inserção de novas tecnologias no mercado de trabalho) levou a uma reorganização do mundo do trabalho, permitindo atores que anteriormente tinham uma inserção no mercado de laboral reduzida - mulheres, imigrantes, jovens - ganhassem visibilidade e uma maior oportunidades de trabalho.

Contudo, a inserção laboral desses novos atores não se deu de forma igualitária e justa. A clássica figura do trabalhador como homem branco entre 30 e 45 anos de idade ainda domina os principais postos de trabalho na sociedade, contribuindo para a manutenção da segregação sexual e étnica do mercado laboral. De forma que a inserção das mulheres e dos imigrantes no mercado de trabalho, em geral, continua a dar-se em atividades menos prestigiadas, reconhecidas e remuneradas (Estanque, 2005; Antunes, 1999).

É inegável que a entrada das mulheres no mercado de trabalho contribuiu de forma fundamental para a emancipação feminina, contudo antigas desigualdades continuaram a ser reproduzidas, por exemplo, o prestígio e a qualidade dos postos ocupados pelas mulheres continuam sendo inferior àqueles ocupados pelos homens (Hirata, 2002). No caso das imigrantes trabalhadoras tem-se um grupo duplamente

precário. Por um lado, devido à sua condição de imigrante - no caso das brasileiras em Portugal, imigrantes vindas de um país pobre, do sul global. Por outro, por serem mulheres e, portanto, sujeitas aos constrangimentos de uma sociedade sexistas e androcêntrica.

Aliadas a isso, as políticas migratórias apresentam-se cada vez mais rígidas, contribuindo para uma inserção limitada dos imigrantes no mercado de trabalho. Tornam-se sempre mais restritas no que diz respeito ao recrutamento da mão de obra e preocupam-se sempre mais em delimitar seu tempo de permanência, além de não atentarem para as diferentes necessidades dos diferentes tipos de segmentos de imigrantes - homens, mulheres, idosos, jovens.

O aumento da relevância e visibilidade que a comunidade brasileira vem assumindo em Portugal reforça a importância de estudos dessa natureza. Segundo o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) português, o número de imigrantes brasileiros legalizados em Portugal aumentou 37% em 2008, 106 mil imigrantes vindos do Brasil já representam quase 25% da população estrangeira no país (SEF, 2008).

Aliado a isso, acredito que estudos, acerca da relação entre as experiências vividas no âmbito do trabalho e seus impactos nos processos de subjetivação, são uma via possível de conhecimento das práticas quotidianas e das relações de poder da nossa sociedade, e que, como alerta Ferreira (2003), ainda possuem pouca visibilidade na sociologia do trabalho.

3. Imigração de Brasileiros e Brasileiras para Portugal: Roteiro

Ao resgatarmos a relação histórica Metrópole-Colônia entre Portugal e Brasil, iniciada no século XVI (e que oficialmente estendeu-se até o início do século XIX), nos deparamos com o embrião do fluxo migratório entre os dois países. Contudo foi somente ao final da década de 80 do século passado que a imigração brasileira para terras portuguesas tornou-se relevante e ganhou visibilidade. Ao longo da década de 90 ao mesmo tempo em que se dava uma sensível mudança no perfil dos novos imigrantes brasileiros e brasileiras, o fluxo migratório ganhava mais força. Durante a primeira década do ano 2000, a imigração brasileira para Portugal continuou intensa e manteve as características da década anterior (Góis et al. 2009). Para os fins desse estudo, deter-me-ei somente nos fluxos migratórios que tem início a partir do século XX, visto que esse período relaciona-se diretamente com as questões referentes às transformações no mundo do trabalho que proponho investigar.

Durante as décadas de 80 e 90 deu-se o primeiro grande fluxo de brasileiros para

Portugal, tratava-se principalmente de refugiados políticos do governo brasileiro ditatorial, descendentes de portugueses e profissionais com altas qualificações. No que diz respeito à inserção laboral, assumiram principalmente postos de direção e gerência ou tornaram-se profissionais liberais, dentistas e arquitetos (Baganha e Góis, 1999; Padilha, 2005a). A partir da segunda metade da década de 90 a imigração brasileira para Portugal começou a apontar alguns entraves, em virtude do grande número de brasileiros e de sua baixa qualificação. Assim, os novos imigrantes brasileiros que chegaram a Portugal nessa época passaram a ser alocados principalmente nos postos de trabalho mais precários.

Durante os anos 90 e a primeira década do ano 2000, os brasileiros perfaziam um dos grupos de imigrantes mais significativos em Portugal, entre 1991 e 1999, chegavam a representar quase 11% do total da população migrante legalizada (Padilha, 2005a). Segundo a autora, nesse período transcorreram alguns acontecimentos emblemáticos que justificam esses números, como a assinatura do acordo, que ficou conhecido como “Acordo Lula”, que se debruçava sobre as questões de contratação recíproca de nacionais dos dois países e permitiu a legalização dos trabalhadores brasileiros em Portugal e vice-versa. E em 2004, o decreto normativo N. 6/2004, de 6 de abril, possibilitou a regulamentação aos trabalhadores estrangeiros não europeus ativamente inseridos no mercado de trabalho português (Techio, 2006).

Os brasileiros da segunda vaga de imigração localizaram-se principalmente na região de Lisboa, com ênfase na região da Costa de Caparica. Importante ressaltar que a Área Metropolitana de Lisboa (AML) é a região do país que apresenta as maiores oportunidades no mercado laboral o que reforça a característica de um fluxo migratório primordialmente laboral.

Em termos de classes sociais, se a primeira vaga de imigrantes foi formada principalmente por indivíduos com alto nível de instrução e provenientes de classe média alta, na segunda, estão presentes, principalmente indivíduos da classe média-baixa (Malheiros, 2007; Padilha, 2004; Machado, 2005). Techio (2006) e Padilha (2005b) alertam para o fato de que mesmo sendo esses brasileiros de classe média baixa e com graus de escolarização inferior aos imigrantes do primeiro ciclo, eles não podem ser considerados pobres miseráveis, uma vez que imigrar implica altos custos com passagens e documentação.

No que concerne ao perfil desses novos imigrantes, trata-se de uma população jovem, com uma predominância de pessoas com a idade entre 20 e 35 anos, havendo praticamente um equilíbrio entre a proporção de homens e mulheres. Em 2006, do

total de imigrantes vindos do Brasil, 47, 5 % eram homens e 52, 5% eram mulheres (SEF, 2008). A maioria dos imigrantes é da região Sul e Sudeste (o que pode ser facilmente compreendido, uma vez que essas são as regiões mais ricas do Brasil), porém não existe nenhum grupo que se sobressaia, como no caso da imigração do Brasil para os Estados Unidos, caso em que a imigração de Governador Valadares, Minas Gérias, é predominante (Almeida e Reis, 2007; Padilha, 2005a).

Sobre a inserção laboral, há um claro desajuste entre a formação desses imigrantes e os empregos que realizam em Portugal. Em geral esses imigrantes não conseguem inserirem-se em atividades que correspondam a sua qualificação profissional. Na maioria dos casos, os imigrantes brasileiros possuem um nível de formação superior às atividades que desempenham.

Outro aspecto relevante sobre a imigração brasileira em Portugal refere-se ao lugar ocupado pelos brasileiros na dinâmica da hierarquia social na sociedade portuguesa. Segundo Machado (2007) e Padilha (2005a), os brasileiros ocupam um lugar simbólico privilegiado em relação aos demais imigrantes, africanos e europeus do leste. A organização das populações imigrantes em Portugal parece ainda seguir o padrão da antiga ordem imperial, na qual os brasileiros têm um lugar privilegiado. A dinâmica da mobilidade no mercado laboral português existente entre africanos, brasileiros e europeus do leste sugere que os processos de estratificação continuam muito relacionados às questões de classe e etnia. O preconceito racial ainda é uma variável importante a ser considerada no processo de estratificação laboral da sociedade Portuguesa (Estanque, 2004).

A imagem do brasileiro como festivo, simpático, alegre, favoreceu sua inserção no mercado laboral Português em atividades como atendimento ao público, restauração, turismo e vendas, uma vez que são características tidas como essenciais para essas atividades. Soma-se a isso à alegação de falta de mão de obra para assumir esses postos, visto que em geral são mal remunerados e com longas jornadas, principalmente na área do turismo; e a vantagem lingüística que os brasileiros em relação aos europeus do leste por falarem português (Machado, 2007 e Padilha 2005b). A simpatia brasileira passa a ser negociada como uma competência profissional fundamental para o nicho laboral no qual os brasileiros se inserem.

4. Mulheres Brasileiras Imigrantes no mercado de Trabalho Português: Fonte de renda

A partir da década de 90 para além das mudanças já referidas anteriormente no fluxo migratório de brasileiros para Portugal, verificou-se também uma intensificação do

número de mulheres a imigrarem. Atualmente as brasileiras mostram-se como a população mais representativa entre as mulheres estrangeiras residentes em Portugal.

A análise do fenômeno da inserção de mulheres imigrantes no mercado de trabalho estrangeiro confronta, necessariamente, a forma como sexo, etnia e classe relacionam-se com as atividades laborais.

Mahler e Pessar (2001) sustentam a necessidade de analisar a feminização da migração mostrando como a diferença de sexo, longe de ser uma variável a mais, é central na organização da migração, operando simultaneamente em escalas múltiplas. Assim como os primeiros estudos sobre a entrada das mulheres no mercado de trabalho levaram a reelaboração de modelos explicativos da lógica do mercado laboral, identificando problemas como divisão sexual do trabalho e segregação do mercado de trabalho. Na análise dos processos migratórios a partir do ponto de vista das mulheres não se trata apenas de introduzir mais uma variável, mas sim, obriga a reestruturação das grelhas de leituras desse fenômeno.

Atualmente, grande parte das mulheres brasileiras, ao contrário do primeiro fluxo migratório, migra não por motivos de reunificação familiar, mas sozinhas, construindo uma trajetória de imigração pessoal. Contudo, ainda que independentes, muitas dessas mulheres mantêm o compromisso, enviando dinheiro regularmente, com filhos ou pais que permaneceram no Brasil.

No que concerne, inserção laboral das imigrantes brasileiras, seguem o padrão do que acontece com as demais imigrantes do Sul global, desempenhando principalmente atividades precárias, pouco remuneradas e valorizadas, nomeadamente, no setor de limpeza, restauração, atividades de trabalho doméstico e de cuidado de crianças, deficientes, doentes e idosos (Padilha, 2005b, 2007).

No caso das mulheres brasileiras a dimensão da sexualidade é supervalorizada, estando a imagem das brasileiras como alegres e sensuais muito difundidas na sociedade portuguesa. A mídia portuguesa, a popularização das novelas brasileiras e o fato de Brasil ter sido incluído nos circuitos mundiais de turismo sexual reproduzem, ao mesmo tempo em que reforçam, o mito da mulher brasileira como sensual, tropical, associando-a prostituição.

Esse imaginário influi mais negativamente ainda na inserção das imigrantes no mercado laboral, uma vez que se trata de uma imagem carregada de preconceitos. Conclui-se que as imagens do Brasil como um país com um povo alegre, sensual,

simpático, tendem a prejudicar a inserção dessas brasileiras no mercado de trabalho, empurrando-as para atividades sempre menos qualificadas e menos reconhecidas socialmente.

5. Considerações inconclusas - Reconstruindo o itinerário

As identidades de gênero são influenciadas constantemente pelas práticas e pelos discursos, resultando em uma categorização essencialista, excludente e rígida (Butler, 2003). Ao levantar a problemática sobre a noção de identidade singular, Butler adverte que as questões de gênero estão imbricadas com outros elementos, etnia, sexo, classe, religião. De forma que dizer alguém é uma “mulher” não abarca sua totalidade, e, portanto, não se podendo definir a mulher pelo seu oposto, *não-homem*. Tal concepção vai ao encontro das proposições de Braidotti (1994) para quem não é possível falar de um sujeito mulher preso a uma essência monolítica e estanque; ser mulher significa congregar uma miríade de experiências complexas e por vezes contraditórias onde uma panóplia de variáveis se alterna e se justapõe, por exemplo classe, idade, preferência sexual.

A compreensão de identidade como sendo relacional e situacional atesta sua complexidade, uma vez que abarca uma série de pluralidades de diferenciações produzidas pelas estruturas sociais.¹ É a partir das interações travadas no seio das diversas instituições (Estado, organizações, família) que as relações de poder e identidades são construídas entre os sujeitos. Como nos esclarece Santos (2001) as identidades são identificações em curso, processos de transformações e negociações de sentido contínuos.

A partir dessa ótica, acredito que as experiências nos locais de trabalho são incorporadas como um dos elementos fundamentais na representação das identidades sexuadas. A atividade laboral, ao mesmo tempo em que propicia status, prestígio e funciona como porta de entrada para a participação de alguns grupos sociais, é também um dos principais espaços de (re)interpretação das identidades (Ferreira, 2003).

As imagens sobre o Brasil são marcadas pela idéia de mulheres dotadas de uma corporalidade específica, mulheres alegres, festivas, simpáticas, cordiais, sensuais, exuberantes, comunicativas, sexualizadas e pouco intelectualizadas. Assim, o lugar

¹ Contudo, mesmo que o processo de formação identitário possa ser consequência da articulação das várias identidades que as pessoas protagonizam na sociedade, compartilho com Ferreira (2003) a idéia de que não é possível minimizar o peso das diferenças de sexo, visto que essa se apresenta sempre como a primeira classificação categorial à qual os sujeitos são submetidos.

reservado às brasileiras no mercado de trabalho português está ligado a atividades onde essas características são consideradas fundamentais, nomeadamente, o mercado de atendimento ao público, restauração, e cuidados, atividades, em geral, precárias, com baixas remunerações e horários de trabalho elevados.

Ao que parece, os empregadores portugueses pressupõem que, as brasileiras são mais adequadas para qualquer profissão que exija o trato com clientes, por conta da simpatia, cordialidade e alegria “inatas” a essas imigrantes. Já as brasileiras, para corresponder a tais expectativas, com o objetivo de se inserirem no mercado laboral e na sociedade, passam a mercantilizar sua identidade para ocuparem-se no pouco e pequeno espaço que lhe é reservado. Em um processo de negociação de identidades, as imigrantes brasileiras utilizam-se de alguns dos atributos de suas imagens estereotipadas para obter acessos a benefícios, níveis privilegiados de posicionamento ou atrair clientes.

A simpatia brasileira passa a ser negociada como uma competência profissional fundamental para o nicho laboral no qual as brasileiras inserem-se, mas não é reconhecida como uma qualificação profissional. As imigrantes brasileiras passam por um processo de invisibilização, na medida em que são associadas previamente aos estereótipos de povo alegre e sensual, transformando-as em um todo homogêneo: mulheres alegres, sensuais, simpáticas e cuidadosas.

É dentro dessa lógica que se dá a subordinação a qual muitas brasileiras estão submetidas em Portugal. Para além de serem relegadas a ocupações mais precárias no mercado de trabalho português, com baixo prestígio social, baixa remuneração, horários estendidos e demais tipos de exploração, essas mulheres encontram-se presas dentro das imagens de alegres, e festivas, sensuais e exóticas. Aqui, a experiência laboral exerce forte influência na forma como as identidades devem ser interpretadas, neste caso: um desfile de carnaval ininterrupto.

Infelizmente, não são as trabalhadoras precárias e exploradas assim como nem Patrícia Galvão, Marina Silva, Nélida Pinon, Maria da Penha, Suely Rolnick a compor o imaginário acerca das mulheres brasileiras. Embora sejam elas a maior parte das brasileiras que se encontram circulando pelo Chiado, servindo nos restaurantes na Ribeira, acompanhando idosos na Baixa de Coimbra, ou recepcionando nos hotéis de Albufeira; e por vezes o sorriso fácil, a alegria solar ou a pronta simpatia escondem histórias de exploração e humilhação.

Ao longo dessa viagem, novas paisagens foram sendo descobertas, sugerindo outros caminhos de investigação a serem percorridos: quais as estratégias de participação

no mercado de trabalho; quais as lógicas de dominação simbólicas presentes no mercado de trabalho português às quais essas mulheres são expostas e por fim como as políticas migratórias podem contribuir para melhorar o processo de inserção laboral das imigrantes, considerando questões como tempo de reconhecimento das qualificações e modalidades de emprego e contratação permitidas.

Agora com novas paradas acrescentadas no itinerário, sigo ao encontro das inúmeras e diversas experiências que é ser mulher brasileira imigrante em Portugal.

Referências Bibliográficas

Almeida, Alexandre; Reis, Ellen (2007), "A imigração brasileira em Portugal: o perfil do imigrante e as conseqüências no mercado de trabalho luso", paper apresentado no *V Encontro Nacional sobre Migrações*, Campinas 15-17 de Outubro de 2007, <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/5EncNacSobreMigracao/comunic_sec_2_imi_bras_port.pdf>, acessado em 13 de Junho de 2009.

Antunes, Ricardo (1999), *Os sentidos do Trabalho. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo.

Baganha, Maria Ioannis (2004), "Imigração e mercado de trabalho em Portugal", in António Costa Pinto (coord.), *Portugal Contemporâneo*. Lisboa: Dom Quixote, 163-172.

Baganha, Maria Ioannis; Gois, Pedro (1999), "Migrações Internacionais de e para Portugal: o que sabemos e para onde vamos?" *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 52, 229-280.

Braidotti, Rosi (1994), *Nomadic Subjects: Embodiment and Sexual Difference in Contemporary Feminist Theory*. New York: Columbia Press.

Butler, Judith (2003), *Gender Trouble*. Nova Iorque: Routledge.

Estanque, Elísio (2000), *Entre a fábrica e a comunidade - Subjetividade e práticas de classe no operariado do calçado*. Porto: Afrontamento.

Estanque, Elísio (2004), "Class and Social Inequalities in Portugal. From Class Structure to Working-class Practices on the Shop Floor", in Fiona Devine e Mary Waters (orgs.), *Social Inequalities in Comparative Perspective*. Cambridge: Blackweell publishing, 141-162.

Estanque, Elísio (2005), "Trabalho, desigualdades sociais e sindicalismo", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 71, 113-140.

Ferreira, Virgínia (2003), *Relações Sociais de sexo e segregação do emprego: uma análise da feminização dos escritórios em Portugal*. Dissertação de Doutoramento em Sociologia, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra (policopiado).

Góis, Pedro Marques, José Carlos; Padilla, Beatriz; Peixoto, João (2009), "Segunda ou terceira vaga? As características da imigração brasileira recente em Portugal", *Migrações*, 5, 111-133.

Hirata, Helena (2002), "Reorganização da produção do trabalho: uma nova divisão sexual", in Cristina Bruschini, Sandra G. Unterhaum (orgs.), *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Editora 34, Fundação Carlos Chagas, 337-353.

Kovacs, Ilona (2005), "Emprego flexível em Portugal: Alguns resultados de um projecto de investigação", in *Flexibilidade de Emprego: Riscos e Oportunidades*,

Oeiras: Celta Editora, 11-53.

Machado, Igor José Reno (2005), "Estereótipos e preconceitos na experiência dos imigrantes brasileiros no Porto, Portugal", *Travessia*, 51, 42-50.

Machado, Igor José Reno (2007), "Reflexões sobre as identidades brasileiras em Portugal", in Jorge Macaísta Malheiros (org.), *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 171-191.

Mahler, Sarah J.; Pessar, Patricia R. (2001), "Gendered Geographies of Power: Analyzing Gender Across Transnational Spaces", *Identities* 7(4):441-459.

Malheiros, Jorge Macaísta (2007), "Os Brasileiros em Portugal - A síntese do que sabemos", in Jorge Macaísta Malheiros (org.), *Imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 11-37.

Nogueira, Cláudia (2006), *O trabalho duplicado*. São Paulo: Expressão Popular.

Padilha, Beatriz (2005a), "Integration of Brazilian Immigrants in Portuguese Society: Problems and Possibilities". SOCIUS Working Papers, 1, <<http://pascal.iseg.utl.pt/~socius/publicacoes/wp/wp200501.pdf>>, acessado em 25 de janeiro de 2009.

Padilha, Beatriz (2005b), "Redes sociales de los brasileiros recién llegados a Portugal: solidaridad étnica o empática étnica", SOCIUS Working Papers, 2, <<http://pascal.iseg.utl.pt/~socius/publicacoes/wp/wp200502.pdf>>, acessado em 25 de janeiro de 2009.

Padilha, Beatriz (2007), "A imigrante brasileira em Portugal: considerando o gênero na análise", in Jorge Macaísta Malheiros (org.), *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 113-135.

Peixoto, João (2007), "Imigrantes brasileiros e mercado de trabalho em Portugal", in Jorge Macaísta Malheiros (org.), *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: Alto Comissariado para a imigração e Diálogo Intercultural, 87-113

Piscitelli, Adriana (2008), "Looking for New Worlds: Brazilian Women as International Migrants", *Signs*, 33, 784 - 793.

Santos, Boaventura de Sousa (2001), "Os processos de globalização", in Boaventura de Sousa Santos (org.), *Globalização: Fatalidade ou Utopia?*, Porto: Afrontamento, 31-106.

Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2008), "População Estrangeira em Território Nacional", <<http://www.sef.pt/documentos/59/Distritos%202008%20IV.pdf>>, acessado em 04 de abril de 2009.

Téchio, Kachia (2006), "Tecendo por trás do espelho: representações identitárias de imigrantes brasileiros em Portugal", Dissertação de Mestrado em Antropologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa (policopiado).

Nota biográfica

Thais França é Mulher-brasileira-imigrante em Portugal. Doutoranda do Programa em Relações de Trabalho, Desigualdade Social e Sindicalismo do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra - Portugal. Mestre em Psicologia pelo Programa Europeu Erasmus Mundus em Psicologia Organizacional, do Trabalho e de Recursos Humanos (WOP-P) pela Universidade de Bolonha - Itália. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará - Brasil. Dedicar-se principalmente as áreas do trabalho, imigração e mulheres.

Contacto: francathais@yahoo.com.br